

## Comunicação e intervenção, através do jornalismo

Maria José Brites

### **Resumo**

A comunicação constitui-se como uma excelente forma de empoderar os cidadãos, dentro da comunicação, o jornalismo reveste-se de um carácter fundamental. Neste artigo, procede-se a uma reflexão exploratória sobre os contextos mediáticos e as suas possibilidades de ligação aos cidadãos, muito em particular com incidência em autores como Dewey, Freinet, Freire e Tufte. Em articulação, enumeram-se duas investigações, RadioActive Europe e ANLite, nas quais se usou os *media* e o jornalismo em trabalho colaborativo com diferentes comunidades.

**Palavras-Chave:** comunicação; jornalismo; investigação-ação participativa; colaboração.

### **Abstract**

Communication is an excellent way to empower citizens, within the communication, journalism has a fundamental role. In this article, we proceed to an exploratory reflection on the media contexts and their possibilities of connection to the citizens, particularly with inspiration with authors such as Dewey, Freinet, Freire and Tufte. In articulation, there are two investigations, RadioActive Europe and ANLite, that used media and journalism in collaborative work with different communities.

**Key words:** communication; journalism; participatory action; collaboration

Página | 5

## Ação comunicativa

Neste artigo, a comunicação é entendida como um meio de intervenção social, no âmbito da articulação e interceção entre as metodologias participativas, a comunicação para a mudança social e as práticas do quotidiano.

A investigação-ação participativa - PAR, pelo menos estudada a partir das Ciências da Comunicação, é ainda recente em Portugal. Os trabalhos realizados são muito relacionados com crianças e jovens, embora também com famílias. No entanto, já na década de 60, o brasileiro Paulo Freire havia desenvolvido processos de pesquisa baseados na comunidade, que se inseriam em grupos de indivíduos marginalizados da sociedade. Nos anos 70, a PAR começou a desenvolver-se, sobretudo em África, na Índia e na América Latina, tendo estado desde o início muito centrada nas raízes e necessidades locais das comunidades (Freinet, 1993/1967). Na Europa, onde há riscos e desafios importantes, sob o ponto de vista da PAR, os anos 90 foram

consideravelmente relevantes para a dinamização de projetos comunitários, envolvendo por exemplo rádio.

A PAR é um dos conceitos metodológicos associados ao trabalho da comunicação para o desenvolvimento. Nesta junção de comunicação e desenvolvimento, Tufte propõe uma “perspectiva do cidadão” (Tufte, 2017, p. 2). Isto, no âmbito da comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social, com enfoque na perspectiva de cariz mais sociológico do pensamento e ação social. Tufte (Tufte, 2017) menciona Freire com expoente do paradigma participativo da comunicação para o desenvolvimento. Isto leva a que seja imperioso recordar uma das máximas de Freire, que se centrava “na unidade da prática e da teoria, da ação e da reflexão” (Freire, 1975/1977, p. 135) como fator determinante na investigação e na ação do quotidiano.

Dewey (1916/2007) indicou

“uma nova filosofia da experiência e do conhecimento, uma filosofia que não mais coloca a experiência em oposição ao conhecimento e à explicação racionais. A experiência deixa de ser um mero sumariar do que foi feito mais ou menos ao acaso no passado; passa a ser um mero sumariar do que foi feito com referência aos que as coisas nos fazem e ao que lhes fazemos, tão fértil quanto possível de sugestões (de significados sugestivos), e um meio para tentarmos descobrir a validade dessas sugestões. Quando tentar ou experimentar deixa de ser cego pelo impulso ou pelo costume, quando é guiado por um objetivo e conduzido pela regra e pelo método, torna-se razoável – racional. Quando aquilo que sofremos com as coisas, quando aquilo por que passamos deixa de ser uma consequência das circunstâncias e se transforma no resultado dos nossos próprios esforços intencionais, torna-se racionalmente significativo – esclarecedor e instrutivo.” (Dewey, 1916/2007, p. 234).

A ideia de mudança social implica um processo não linear complexo e muitas vezes contestado (Tufte, 2017). Na ligação entre a comunicação e comunicação para a mudança social: “a ênfase situa-se nos desafios para o desenvolvimento nos quais os *media* servem de ferramentas para melhorar as agendas de desenvolvimento e mudança social” (Tufte, 2017, p. 37). Importa considerar uma comunicação inclusiva, no sentido de ser centrada nas pessoas e com paradigma participativo, o conhecimento é integrado com as necessidades da vida (Alves, 2003). É igualmente fundamental que se promovam ações que se associem diretamente com o quotidiano das pessoas. Isto é tanto mais relevante quanto “a consciência política é uma aprendizagem, tanto teórica como prática” (Gonnet, 2007, p. 135).

O pedagogo francês Célestin Freinet, considerado o pai da imprensa na escola, já nos idos inícios do século XX se dedicava a contribuir para a divulgação de jornais escolares, pensava-os para que os alunos fossem elementos nucleares nesse processo, contribuindo para o

desenvolvimento do pensamento e da ação deles. A sua proposta assentava na produção de texto livre. Eram os alunos que produziam, decidiam o que publicar, organizavam o jornal e tratavam da sua impressão na escola, bem como da posterior distribuição. Os jovens eram os motivadores e os principais interlocutores deste processo. Este constitui um suporte para a discussão e a capacidade para cada um conseguir proporcionar um sentido de crítica e partilha de ideias e mesmo a gestão de relações de poder (como na edição dos textos). “Um jornal escolar não está, não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminua o alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida” (Freinet, 1993/1967).

Considerando que o trabalho não se faz de forma isolada, e que implica cooperação, Freinet (1993/1967) dá o mote para a colaboração e para o trabalho educacional, embora ainda sem empregar o termo, que só viria a ser cunhado décadas mais tarde pelo latino-americano Mario Kaplún e desenvolvido por outros autores, como Oliveira (Oliveira, 2000, p. 12). O quotidiano (Freinet, 1993/1967, p. 113) melhora com a ação e troca de saber entre jovens e com a sua atuação na escola (Freinet, 1993/1967, p. 113). O trabalho de Freinet é também vantajoso por levar a que os jovens pensem sobre o que os rodeia e sobre o jornalismo, à sua épica sobretudo através dos jornais escolares:

“No dia em que os cidadãos saibam que o seu jornal pode mentir, ou pelo menos, apresentar como definitivas soluções que são apenas um aspecto parcial dos problemas impostos pela vida, quando estiverem aptos a discutir com prudência mas também com ousadia, quando tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos para lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias” (Freinet, 1993/1967, p. 112).

Isto é pensado usando o método Freinet de dar voz às crianças e aos jovens. Os *media* escolares podem ser espaços de criatividade e de potenciação da ligação à escola e à comunidade envolvente, de promoção da capacidade de expressão e de um real fomento através da prática de uma atividade que pode criar estruturas de cidadania. Esta possibilidade é especialmente relevante, quando as alterações políticas e sociais são constantes e criam entraves na potenciação de projetos extracurriculares, designadamente os de jornalismo escolar. Cristina Ponte (2009) alerta para a necessidade de a escola passar a dar atenção aos *media* como a atualidade em contexto de aula criando-se inclusive estruturas consistentes de projetos de jornalismo escolar (jornais, rádio, filmes).

Neste contexto, as ferramentas Do It Yourself, conhecidas pela sigla DIY, são fundamentais e podem promover a cidadania ativa e positiva (Marsh, Arnseth, & Kumpulainen,

2018). Desta articulação entre as DIY e os impactos no quotidiano subsiste a necessidade de reflexivamente pensar as metodologias mais adequadas. Há uma potencial relação entre a criatividade/cidadania criativa e as literacias da ação, também centrada nas práticas da investigação e da vida quotidiana (Marsh et al., 2018).

Ao longo dos anos, a educação para os *media* evoluiu para um conceito interligado com as práticas e as relações entre os indivíduos (Cappello, 2017).

“três processos conclusivos gerais e estreitamente entrelaçados devem ser tidos em conta quando se trata de conceber e implementar qualquer futura investigação, política ou iniciativa sobre literacia mediática: 1) os desenvolvimentos históricos das tecnologias da comunicação social como um processo de codeterminação entre a sociedade e a tecnologia; 2) as formas pelas quais os indivíduos adotam e adaptam as tecnologias de media no quotidiano, dentro de condições de possibilidade que são sempre estratificadas socialmente; 3) o compromisso oportuno e atento das instituições públicas (governos, órgãos reguladores, escolas, atores da sociedade civil) para garantir que a promoção da literacia mediática em nível de massa não resulte na legitimação do liberalismo de mercado.” (Cappello, 2017).

Dewey (1916/2007) indica um fator decisivo neste contexto, adequar as experiências e os ensinamentos aos contextos. A circunstância social, as inerentes disposições mentais e emocionais estimulam e envolvem os jovens em determinadas atividades (Dewey, 1916/2007, p. 33). Sendo esta numa sociedade profundamente mediatizada (Couldry & Hepp, 2017), é fundamental que as estruturas educativas formais acompanhem estas mudanças societárias significativas. Considerando o contexto Português, 20 anos depois da criação da Rede de Bibliotecas Escolares e depois da publicação do Referencial de Educação Para os *Media* (Pereira, Pinto, Madureira, Pombo, & Guedes, 2014) e do Referencial Aprender com a Biblioteca Escolar (Conde, Mendinhos, & Correia, 2017; Conde, Mendinhos, Correia, & Martins, 2012), o trabalho por fazer ainda é extensíssimo.

Neste contexto mediatizado, quais são os princípios da literacia crítica? McLaughlin and DeVoogd (2004, pp. 14-18) apontam para os seguintes focos da literacia crítica: assuntos de poder e promoção da reflexão, transformação e ação; interessam os problemas e sua complexidade; as estratégias são dinâmicas e adaptam-se aos contextos em que são usadas; é disruptiva com o comum, examinando várias perspetivas; cria disrupção com uma situação comum, dando-lhe mais detalhes; considera vários pontos de vista; focar-se nas perspetivas sociopolíticas/relações de poder; promove justiça social.

## Recorte metodológico

Este artigo articula-se no quadro teórico aqui apresentado e na sua interligação com investigações desenvolvidas nos últimos anos, todas elas realizadas em contextos participativos em ligação com a educação para os *media*. A apresentação é aqui feita por ordem cronológica. No que respeita ao projeto RadioActive Europe (531245-LLP-1-2012-1-UK-KA3-KA3MP), traduziu-se na implementação de uma rádio digital, no caso Português, em articulação com o Programa Escolhas (programa de apoio a centros de jovens em risco), que foi implementada junto de jovens em risco de exclusão do ensino e do trabalho. Teve três grandes grupos de tarefas e áreas de competências: a área do jornalismo e da produção de conteúdos, a atividade técnica e a dimensão organizacional.

A implementação no terreno incluiu um plano de *workshops* técnicos dinamizados pela equipa de investigadores do RadioActive, em colaboração com os monitores dos centros de jovens, entre 2013 e 2014. Ao longo do projeto, procurou-se trabalhar dimensões jornalísticas que podiam facilitar processos de aprendizagem dos jovens, na linha de Dewey, Freinet e Freire. Procurou-se usar a prática do diálogo para facilitar processos de aprendizagem (Freire, 1967). A equipa de investigação teve como lema a ideia de Freire (Freire, 1996/2010) de que ensinar é criar possibilidades de criação e de produção. Outra inspiração é John Dewey, que criou uma Escola Elementar na Universidade de Chicago, na qual pensou a filosofia da educação, considerando que as ideias servem a resolução de problemas reais e que a escola é um laboratório da vida social. “Na sala de aulas tradicional, há poucas oportunidades para a criança trabalhar. Escasseiam as oficinas, os laboratórios, os materiais, as ferramentas com que a criança poderia construir, criar e investigar activamente, e até mesmo o espaço necessário para fazê-lo” (Dewey, 1900-1902/2002, p. 38).

Já o projeto ANLite – Audiências, Notícias e Literacias (SFRH/BPD/92204/2013) tinha como objetivo fundamental o estudo dos contextos juvenis ligados ao jornalismo, à participação e às literacias. Neste sentido, e procurando alargar esses contextos, para além de nos centrarmos nos jovens, também investigamos os contextos familiares e escolares. Neste artigo focamo-nos apenas no contexto escolar, pelo olhar dos professores relativamente aos usos do jornalismo em contextos de trabalho escolar com os alunos. Temos em consideração em particular os inquéritos finais, aplicados depois de realizada a formação certificada de 25h.

Considerando estas duas investigações, a reflexão que pretendemos fazer articula-se com a relevância do jornalismo como ferramenta educativa (Brites, Rees, Contreras-Pulido, & Catalão, 2018; Brites, Santos, Jorge, & Catalão, 2017), neste caso, considerando já uma

abordagem ao longo do tempo e sistematizada por um referencial de investigação diversa, não só nas faixas etárias como no seu contexto.

## Jornalismo para uma ação na comunidade

Tendo em conta o quadro teórico exposto, importa refletir um pouco sobre as práticas de quadro projetos de investigação: RadioActive Europe e ANLite.

No que concerne ao primeiro, recupera-se a ideia de que as ferramentas jornalísticas se revelaram de grande utilidade para trabalhar com comunidades em risco de exclusão do ensino e da empregabilidade. A conceção de jornalismo comunitário começou por ser formada a partir de uma prática informativa exercida por jornalistas e ligada aos *media* em comunidades pequenas (Reader, 2012), era também neste sentido que o projeto pretendia deixar uma marca. O jornalismo continua a ter um potencial democrático e a gerar novas praticas de *media* e de participação (Dahlgren, 2013), uma das suas maiores expressões são as rádios local, espaços de ligação às comunidades, o que se reforça pelo digital (Bonixe, 2017).

A importância que o RadioActive conferiu à necessidade de os participantes contarem histórias dos seus contextos e à discussão coletiva dessas abordagens e contextos levou a que tivessem de fazer pesquisas, criassem formas de pesquisar e de contar que tinham uma inspiração no que fazem os jornalistas, como usar entrevista, *voxpath*, reportagem para contar essas mesmas histórias.

“Eles aprendem muitas coisas na rádio, como fazer uma entrevista, como ser mais objetivo. Isso aprendemos na escola no 7.º ano quando estamos a dar o português com a parte da comunicação. Eles, com coisas tão simples como a rádio, [podem] fazer uma pergunta mais objetiva ou saber estruturar ou dizer que no programa passado fiz uma pergunta e ele não respondeu como eu queria. Agora vou ter de ser mais objetivo na questão para ter melhor resposta”. (Responsável por TIC, centro 1, entrevista, janeiro de 2014)

“Coordenadora de centro - Eles veem como fazem os jornalistas ou...

Responsável pela rádio - Podem fazer um projeto de imitação...

Coordenadora de centro – Um projeto de imitação, um jogo do faz de conta, de brincar ao jornalismo... ou brincar às pessoas que fazem entrevistas... O processo de organizar, não é um processo de faz de conta... Eu acho que na parte inspirada no jornalismo também têm encarado melhor porque, para eles, também podem... [...] estar a interiorizar o papel e brincar ao faz de conta, mas têm coisas... E aquilo, realmente,

irá funcionar para mais tarde, irá ser colocado num programa. (centro 2, Grupo focal, abril de 2014)

No que concerne ao projeto ANLite, marcadamente de inspiração e temáticas relacionadas com o jornalismo, atuou-se em diferentes atores, como os jovens, os pais e os professores. No que se refere em específico aos professores, aqui o nosso foco, as sessões dedicadas a pensar as culturas jornalísticas acabaram por se tornar mais invulgares face aos seus conhecimentos e necessidades em contexto de uma sociedade complexificada com a abundância e credibilidade da informação. As temáticas das sessões foram além do que alguns deles já estavam habituados a fazer, a usar notícias nos contextos escolares, para análise de notícias, para pensar como se faz um texto jornalístico ou para associar as notícias aos contextos específicos do programa da disciplina (“Alargarmos os nossos conhecimentos para o uso dos *media* na escola e na atividade letiva.” (Questionário final, R9)).

Estas sessões tiveram um impacto importante. Tanto mais que antes de as frequentarem os participantes consideravam saber muito pouco sobre estas culturas jornalísticas, como a forma de funcionamento da redação, os processos de escola jornalística, em suma sobre aquilo que se considera ser o *newsmaking*, e a perceber que o uso de ferramentas usadas pelos jornalistas pode ter um importante potencial educativo. Este contexto específico da formação acabou por transparecer potencial de futuro. Aqui ficam algumas notas de relevância, algumas delas com uma componente mais articulada com as dinâmicas ligadas à cidadania:

“Aprender como se pode desenvolver competências variadas nos alunos, recorrendo às notícias e levando os alunos a implementar uma metodologia semelhante às usadas no jornalismo.” (Questionário final, R6)

“Um conhecimento maior de como se faz notícias e como podem ser úteis para trabalhar com os alunos.” (Questionário final, R13)

“Gostaria de poder aprender mais técnicas jornalísticas que poderão ser úteis no ensino da disciplina que leciono.” (Questionário final, R11)

A formação além do que proporcionou em termos de aprendizagens também possibilitou ideias de necessidades e de aprendizagens projetadas para o futuro.

## **Discussão e pontes com o futuro**

Os *media* assumem no efetivar/promover da participação cívica e política dos cidadãos, de diferentes idades, e muito em particular as crianças e os jovens. No espaço de partilha e expressão de opiniões, crianças e jovens demonstram conhecimento e preocupação com as

questões que dominam a agenda pública/política nacional. O jornalismo constitui-se neste sentido como um espaço de potenciação de uma cidadania mais ativa, promovendo a reflexão e a ação pela prática, contribuindo ainda para uma mudança social importante e positiva, no sentido de uma melhoria de competências jornalísticas, técnicas, organizacionais e cívicas.

## Referências

Alves, R. (2003). *A Alegria de Ensinar*. Porto: ASA.

Bonixe, L. (2017). Do Alentejo para o Mundo: um retrato das rádios locais na Internet. *Revista Aprender*, 37, 46-56.

Brites, M. J., Rees, A., Contreras-Pulido, P., & Catalão, D. (2018). Journalism pondered as a learning facilitator tool in the context of lifelong learning. *The Journal of Media Literacy*, 65(1-2), 46-51.

Brites, M. J., Santos, S. C., Jorge, A., & Catalão, D. (2017). Ferramentas jornalísticas na educação: Uma rádio online para jovens. *Sociologia, problemas e práticas*, 84, 81-100. doi:10.7458/SPP2017846102.

Cappello, G. (2017). Literacy, Media Literacy and Social Change. Where Do We Go From Now? *Italian Journal of Sociology of Education*, 9(1), 31-44. doi:10.14658/pupj-ijse-2017-1-3.

Página | 12

Conde, E., Mendinhos, I., & Correia, P. (2017). Aprender com a biblioteca escolar: Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário (2.ª edição, revista e aumentada). Retrieved from [http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1906/referencial\\_2017.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1906/referencial_2017.pdf).

Conde, E., Mendinhos, I., Correia, P., & Martins, R. (2012). Aprender com a biblioteca escolar: Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na Educação Pré-escolar e no Ensino Básico. Retrieved from [http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=681&fileName=Aprender\\_com\\_a\\_biblioteca\\_escolar.pdf](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=681&fileName=Aprender_com_a_biblioteca_escolar.pdf).

Couldry, N., & Hepp, A. (2017). *The Mediated Construction of Reality*. Cambridge, USA: Polity Press.

Dahlgren, P. (2013). *The Political Web*. Houndmills and New York: Palgrave Mcmillan.

Dewey, J. (1900-1902/2002). *A escola e a Sociedade e A criança e o currículo*. Lisboa: Relógio D'Água.

Dewey, J. (1916/2007). *Democracia e Educação*. Lisboa: Didáctica Editora.

Freinet, C. (1993/1967). *O Jornal Escolar*. São Paulo: Editorial Estampa.

Freire, P. (1967). *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.



Freire, P. (1975/1977). *Educação e consciencialização política* (v. xxi, Trans.). Lisboa: Livraria Sá da Costa.

Freire, P. (1996/2010). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (v. x. fotocópias, Trans.). São Paulo: Editora Paz e Terra.

Gonnet, J. (2007). *Educação para os Media: As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.

Marsh, J., Arnseth, H. C., & Kumpulainen, K. (2018). Maker Literacies and Maker Citizenship in the MakEY (Makerspaces in the Early Years) Project. *Multimodal Technologies and Interact*, 2(3), 1-19.

McLaughlin, M., & DeVogd, F. L. (2004). *Critical Literacy*. Nova Iorque: Scholastic.

Oliveira, I. S. (2000). Educomunicação: Um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, 19, 12-24.

Pereira, S., Pinto, M., Madureira, E. J., Pombo, T., & Guedes, M. (2014). *Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Retrieved from [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial\\_educacao\\_media\\_2014.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial_educacao_media_2014.pdf).

Ponte, C. (2009). O Lugar das Notícias na Vida das Crianças. *Trajectos*, 13-14.

Reader, B. (2012). Community journalism. In B. Reader & J. A. Hatcher (Eds.), *Foundations of Community Journalism* (pp. 3-20). Londres e Nova Deli: Sage Publications.

## Notas sobre a autora:

**Maria José Brites**

[britesmariajose@gmail.com](mailto:britesmariajose@gmail.com)

CiêncialD: 0616-7E2E-4575

ORCID: 0000-0002-9840-9554

**Universidade Lusófona /CICANT**

Maria José Brites é Professora Associada na Universidade Lusófona do Porto e é a coordenadora do projeto “Centros educativos com competências digitais e cívicas” – DiCi-Educa (Cofinanciamento Fundação Calouste Gulbenkian). Foi coordenadora portuguesa dos projetos RadioActive Europe (531245-LLP-1-2012-1-UK-KA3-KA3) e Media in Action (LC-00644630). Doutorou-se na Universidade Nova de Lisboa (2013) e realizou pós-doutoramento na Universidade do Minho (2014-2017), em ambos os casos com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Os interesses de pesquisa incluem áreas como os estudos da juventude, jornalismo e participação, estudos de audiências, literacia para as notícias e literacia cívica